



INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS PENEDO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

ERIANNE GOMES DOS SANTOS

**SER MULHER, MÃE E PROFESSORA EM TEMPOS DE PANDEMIA: TECENDO
SENTIDOS A PARTIR DAS NARRATIVAS**

PENEDO, AL

2021

ERIANNE GOMES DOS SANTOS

SER MULHER, MÃE E PROFESSORA EM TEMPOS DE PANDEMIA: TECENDO SENTIDOS A PARTIR DAS NARRATIVAS

Artigo científico apresentado ao curso de Pós-Graduação em Docência na Educação Profissional do Instituto Federal de Alagoas, *campus* Penedo, como requisito parcial para a obtenção do grau de especialista em Docência na Educação Profissional.

Orientadora: Prof.^a Ma. Taysa Kawanny Ferreira Santos

PENEDO, AL

2021



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Instituto Federal de Alagoas
Campus Penedo
Biblioteca

S237s

Santos, Eriane Gomes dos.

Ser mulher, mãe e professora em tempos de pandemia: tecendo sentidos a partir das narrativas / Eriane Gomes dos Santos. – 2021.

21 f.

Orientação: Prof.^a Taysa Kawanny Ferreira Santos.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Profissional) – Universidade Aberta do Brasil, Instituto Federal de Alagoas, Campus Penedo, Penedo, 2021.

1. Mulheres – Trabalho remoto. 2. Pandemia – COVID-19. 3. Mães - Pandemia. I. Santos, Tayssa Kawanny Ferreira. II. Título.

CDD: 305.4

Maria Luzia Alexandre de Oliveira
Bibliotecária/Documentalista
CRB-4/2159

ERIANNE GOMES DOS SANTOS

SER MULHER, MÃE E PROFESSORA EM TEMPOS DE PANDEMIA: TECENDO SENTIDOS A PARTIR DAS NARRATIVAS

Artigo científico apresentado ao curso de Pós-Graduação em Docência na Educação Profissional do Instituto Federal de Alagoas, *campus* Penedo, como requisito parcial para a obtenção do grau de especialista em Docência na Educação Profissional.

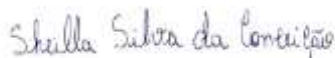
Orientadora: Prof.^a Ma. Taysa Kawanny Ferreira Santos

Aprovada em: 21/12/2021.

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Ma. Taysa Kawanny Ferreira Santos
(Orientadora/ Presidente da Banca)



Prof.^a Dra. Sheilla Silva da Conceição
(Avaliadora)



Prof.^a Ma. Maria da Penha da Silva
(Avaliadora)

SER MULHER, MÃE E PROFESSORA EM TEMPOS DE PANDEMIA: TECENDO SENTIDOS A PARTIR DAS NARRATIVAS

BEING A WOMAN, MOTHER AND TEACHER IN TIMES OF PANDEMICS: WEAVING MEANINGS FROM NARRATIVES

Erienne Gomes dos Santos¹

RESUMO

Neste artigo discutiremos acerca dos impactos da pandemia deflagrados pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2) no cotidiano das professoras/mães de filhas/os em idade escolar, que são servidoras de um dos *campus* do Instituto Federal de Alagoas (IFAL). Considerando esse cenário, procuramos refletir sobre a situação-problema que emerge da relação trabalho-maternidade em tempos de pandemia. Especificamente buscamos conceituar como a literatura científica tem abordado esse tema; identificar como as professoras adaptaram as suas atividades intelectuais para o ambiente doméstico. Ademais, procuramos contribuir na implementação e no fortalecimento de políticas institucionais voltadas à atuação das docentes nesse período pandêmico. A metodologia adotada para alcançar os objetivos deste estudo foi a pesquisa-ação, uma estratégia de pesquisa que possui uma dimensão político-social, principalmente pela capacidade de envolver a/o pesquisadora/or e as/os interlocutoras/res de maneira cooperativa e implicada na construção de soluções para problemas coletivos de pequenos grupos sociais. Optamos pela Roda de Conversa virtual, como ferramenta metodológica, por considerarmos que tal método seria viável para alcançar o objetivo da pesquisa, em função do seu potencial mobilizador. Por meio do processo de análise identificamos dois eixos temáticos - o primeiro eixo temático “Não tínhamos uma organização para trabalhar no ambiente de casa com os nossos filhos em casa”; e o segundo eixo temático “Não somos tratadas de forma diferenciada por sermos mães” – que constatarem de modo expressivo, como o ensino remoto evidenciou as dificuldades enfrentadas pelas professoras/mães para permanecerem em espaços acadêmicos engendrados por mecanismos discriminatórios de gênero.

Palavras-chave: Trabalho-maternidade. Professoras. Mães. Pandemia. Gênero.

ABSTRACT

In this article, we will discuss the impacts of the pandemic triggered by the new coronavirus (SARS-CoV-2) on the daily lives of teachers/mothers of school-aged daughters, who are employees of one of the campuses of the Federal Institute of Alagoas (IFAL). Considering this scenario, we seek to reflect on the problem-situation that emerges from the work-maternity relationship in times of pandemic. Specifically, we seek to conceptualize how the scientific literature has approached this theme; identify how the teachers adapted their intellectual activities to the home environment. Furthermore, we seek to contribute to the implementation and strengthening of institutional policies aimed at the performance of teachers in this pandemic period. The methodology adopted to achieve the objectives of this study was action research, a research strategy that has a political-social dimension, mainly due to the ability to involve the

¹ Graduação em Psicologia pelo Centro Universitário CESMAC. Mestra em Psicologia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Especialista em Saúde Mental pelo Centro Universitário Tiradentes (UNIT). Discente do curso de Pós-Graduação em Docência na Educação Profissional pelo Instituto Federal de Alagoas (IFAL).

researcher and the interlocutors/responders in a cooperative and implied manner. in the construction of solutions to collective problems of small social groups. We chose the virtual Conversation Wheel, as a methodological tool, as we believe that such method would be viable to reach the research objective, due to its mobilizing potential. Through the analysis process, we identified two thematic axes - the first thematic axis “We didn't have an organization to work in the home environment with our children at home”; and the second thematic axis “We are not treated differently because we are mothers” – which showed in an expressive way, how remote teaching showed the difficulties faced by teachers/mothers to remain in academic spaces engendered by gender discriminatory mechanisms.

Keywords: Work-maternity. Teachers. Mothers. Pandemic. Genre.

1. INTRODUÇÃO

Nesta escrita discutiremos acerca dos impactos da pandemia deflagrados pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2) no cotidiano das mulheres que são mães de filhas/os em idade escolar. Trata-se pois, de um estudo que busca contribuir na ampliação e na visibilidade dessa problemática - a partir da polifonia de vozes de mulheres que estão sofrendo os efeitos de uma sobrecarga física e emocional, em função das condições de trabalho e do acúmulo de atribuições - bem como, na construção coletiva de ações de enfrentamento às dificuldades que emergem nesse cenário. Esta pesquisa além de ter sido mobilizada pela necessidade de discutir sobre os impactos da pandemia na vida cotidiana dessas mulheres, tem ainda como alicerce, as minhas inquietações enquanto mulher, pesquisadora, que ao mesmo tempo em que pretende construir uma família, ser mãe e seguir uma carreira acadêmica, problematiza os desdobramentos desse lugar, permeado por mecanismos discriminatórios que incidem sobre as nossas escolhas.

O interesse pelo tema emergiu também a partir da interlocução de dois momentos distintos. O primeiro, antecede a pandemia e está relacionado com as reflexões produzidas e mobilizadas, pela leitura do texto da Vivian Matias dos Santos, “Uma perspectiva parcial sobre ser mulher, cientista e nordestina no Brasil”. Esse texto gerou em mim, muitas inquietações e tensões acerca do caminho a ser trilhado quando uma mulher opta em seguir a carreira acadêmica, mesmo diante das dificuldades que permeiam a sua atuação. Atuação esta, atravessada muitas vezes, pelas responsabilidades socialmente constituídas como femininas, que geram um acúmulo de atividades e fazem com que essas profissionais, para manter performances produtivas e firmar suas carreiras, necessitem “de um esforço maior do que aquele realizado por homens” (SANTOS, 2016, p.805).

O segundo momento, situado nesse período pandêmico, está relacionado com as narrativas de mulheres, mães e professoras, que têm se mobilizado, reivindicando por melhores condições de trabalho durante a pandemia. Na Universidade de São Paulo (USP), por exemplo, as professoras dos cursos de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, escreveram uma carta aberta à comunidade acadêmica, problematizando os desafios enfrentados e chamando a atenção para os impactos da desigualdade de gênero, acerca do desempenho na produção acadêmica. Refutando o discurso da reitoria de que a universidade está “funcionando normalmente”, negligenciando, as peculiaridades vivenciadas pelas docentes (ADUSP, 2020). Trazendo essa discussão de forma mais próxima e situada, professoras e servidoras de um *campus*² do Instituto Federal de Alagoas (IFAL), também lançaram mão de uma carta-proposta, sinalizando as

² Decidimos não identificar o *campus* para preservar a identidade das participantes.

dificuldades e a necessidade da luta contra a sobrecarga de trabalho, evidenciada e potencializada pela pandemia (MELO, 2020).

Diante desse cenário, procuramos compreender por meio das narrativas das professoras que são mães de filhas/os em idade escolar e que trabalham no Instituto Federal de Alagoas (IFAL), os desafios que emergem da relação trabalho-maternidade em tempos de pandemia. Especificamente buscamos conceituar como a literatura científica tem abordado esse tema; identificar como as professoras adaptaram as suas atividades intelectuais para o ambiente doméstico. Ademais, procuramos contribuir na implementação e no fortalecimento de políticas institucionais voltadas à atuação das docentes nesse período pandêmico.

Afim de nos conectarmos a referida temática, estabelecemos um diálogo com a literatura por meio de buscas de produções científicas no Scientific Electronic Library Online (SciELO) e no Google Acadêmico. A partir desse levantamento obtivemos um total de 14 artigos. A metodologia adotada para alcançar os objetivos desta pesquisa foi a pesquisa-ação, uma importante ferramenta de investigação, que insere no processo de construção do conhecimento, as dinâmicas e as experiências vivenciadas no cotidiano de pequenos grupos sociais. Pautada numa perspectiva política e social, a pesquisa-ação está associada a uma ação participativa e conjunta que envolve de maneira dialética e cooperativa a/o pesquisadora/or e as/os interlocutoras/res da pesquisa para analisar uma situação e construir soluções para problemas coletivos de pequenos grupos sociais (TANAJURA; BEZERRA, 2015).

Para estabelecer o diálogo com as interlocutoras - professoras de um dos *campus* do Instituto Federal de Alagoas (IFAL), que são mães de filhas/os com idade escolar que aceitaram o nosso convite – utilizamos a Roda de Conversa³ no modo virtual através do Google Meet. Neste espaço de diálogo buscamos além de nos aproximar das experiências vivenciadas por essas mulheres, construir coletivamente práticas de enfrentamento aos desafios impostos pela pandemia.

Ademais, almejamos em termos de relevância científica, contribuir na reflexão crítica acerca da realidade enfrentada pelas interlocutoras e na produção de conhecimento científico a partir de publicações. Haja vista a lacuna que precisa ser suprida em termos de produções que dialoguem sobre este tema, de forma situada, mediante às narrativas e vivências dessas mulheres. Vale salientar que a intenção nesta pesquisa não é revelar verdades, nem tão pouco esgotar o tema, mas de contribuir com esta discussão de maneira implicada e articulada com a diversidade de diálogos e de encontros os quais fizeram parte desta construção.

Após apresentarmos os objetivos dessa pesquisa e situarmos o cenário no qual ela foi desenvolvida, finalizamos essa introdução, explanando como o artigo está estruturado. No segundo capítulo abordamos o percurso metodológico descrevendo os passos para o delineamento da pesquisa - o contato inicial com as interlocutoras, a realização da RdC virtual e a definição dos eixos temáticos. O terceiro e quarto capítulo versam sobre os resultados e discussões que emergiram no diálogo com as professoras/mães. Por fim, apresentamos as considerações finais.

2. TECENDO ENCONTROS VIRTUAIS: CAMINHOS METODOLÓGICOS

³ Ao longo do texto utilizamos a sigla RdC para abreviar o termo Roda de Conversa.

Compreender as vicissitudes das experiências vivenciadas no cotidiano das mães/professoras no período pandêmico, através do diálogo, é o objetivo deste estudo e para abraçar esta pesquisa, a metodologia adotada foi a pesquisa-ação. Uma importante forma de investigação, que insere no processo de construção do conhecimento, as dinâmicas e as experiências vivenciadas no cotidiano de pequenos grupos sociais. Pautada numa perspectiva política e social, a pesquisa-ação está associada a uma ação participativa e conjunta que envolve a/o pesquisadora/or e as/os participantes (TANAJURA; BEZERRA, 2015).

Optamos pela Roda de Conversa virtual, como ferramenta metodológica, por consideramos que tal método seria viável para alcançar o objetivo da pesquisa, em função do seu potencial mobilizador. O modo virtual, no entanto, deve-se as mudanças provocadas pela pandemia do novo coronavírus em dimensões nunca antes observadas, entre elas o distanciamento social.

A RdC é uma ferramenta que propicia a fluidez das narrativas em uma polifonia de vozes. Constitui-se pois, em um espaço privilegiado de negociações, de compartilhamento de informações, experiências e coprodução de sentidos. Possui, portanto, um caráter político e transformador no grupo (MÉLLO et al. 2007; SPINK, MENEGON, MEDRADO, 2013).

O contato inicial com as interlocutoras foi estabelecido pelo *Whatsapp* – um aplicativo de mensagens de texto e voz. Havia um conhecimento prévio de um núcleo de mulheres que são professoras do instituto federal e mães de filhas/os em idade escolar, que desde 2020 reivindicam em prol de melhores condições de trabalho e haviam narrado suas dificuldades em uma carta manifesto que foi publicada na internet, a qual tive acesso.

Inicialmente precisei fazer um percurso de contatos e negociações que pudessem viabilizar a participação das docentes. Tal percurso teve como ponto de partida o acesso ao número de telefone de uma dessas professoras, à qual explicitarei a proposta da pesquisa. Ela, por sua vez, aceitou o convite e muito gentilmente estendeu-o às demais. Mas antes disso, ela compartilhou comigo o contato telefônico das outras professoras e a partir de então, fiz um grupo no mesmo aplicativo para conversar e estabelecer coletivamente o melhor dia e horário para a realização da RdC.

O encontro virtual via *Google Meet* - um serviço de comunicação por vídeo desenvolvido pelo Google - ocorreu no dia 05 de novembro de 2021. Das oito professoras presentes no grupo, cinco delas puderam participar. Por motivos de ordem pessoal, três professoras justificaram a ausência ao mesmo tempo em que se dispuseram a colaborar em um outro momento.

A sala virtual foi aberta às 15h30 e aos poucos as professoras foram chegando. Iniciei a conversa fazendo o acolhimento e expressando a minha gratidão em tê-las comigo nesse processo de construção de uma pesquisa que tem as mulheres como protagonistas. Fiz uma breve apresentação pessoal e com o auxílio de alguns slides detalhei para cada uma sobre os objetivos da pesquisa, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) - que prevê entre diversos aspectos, a garantia do sigilo e do anonimato - e minhas responsabilidades e implicações éticas. Neste momento também solicitei a autorização delas para gravar a reunião.

A nossa RdC foi movida pelo diálogo e duas perguntas nortearam a discussão: Quais são as dificuldades enfrentadas? Quais são as ações que podem ser construídas conjuntamente e implementadas para enfrentar os problemas que emergem nesse cenário de pandemia?

Este momento permitiu a ressonância de múltiplas vozes, o que implicou em uma diversidade de falas que tinham como ponto de partida o intercâmbio de espaços, cidades e até mesmo estados diferentes. O clima de conversação descontraída entre as participantes facilitou a expressão de afetos, de troca, de subjetividades e também de acolhimento e identificação – seja em relação a rotina, ao trabalho acumulado, ao esgotamento físico e psíquico, a dor da perda de um ente querido, mas também pela identificação das potencialidades, das práticas utilizadas para atenuar as dificuldades e a identificação do processo de ressignificação vivenciado por elas. E como em um nós-coletivo, “ao invés de inter-agir, nós intra-agimos, nós agimos de dentro de uma situação dialógica” em um contexto potencialmente rico de produção de sentidos (SHOTTER, 2011, p.2).

Eu não poderia deixar de registrar que em muitos momentos do diálogo contamos com a linda presença das/os filhas/os das professoras. Alguns sorriam, acenavam e expressavam familiaridade com a tela, outros, no entanto, demonstravam que já estava na hora de devolver suas mães, afinal de contas, o tempo estava passando e eles precisavam da atenção, do carinho e do lanche da tarde. Sem cerimônia um deles, consegui se alimentar ali mesmo por meio de uma das ligações mais profundas entre uma mãe e um/a filho/a, através da amamentação. Finalizamos a RdC às 17h34 e mais uma vez agradei às interlocutoras da pesquisa, momento em que a minha fala foi interceptada pela maioria delas, expondo também seus agradecimentos pelo convite, parabenizando a proposta da pesquisa.

Concluída esta etapa, fizemos uma transcrição do vídeo. As falas foram transcritas literalmente com o objetivo de identificar o encadeamento das ideias e a dialogia entre as participantes RdC que não serão nomeadas, para preservar a identidade das professoras.

A análise foi conduzida pela transversalidade do que foi dito, escrito e vivenciado. Focamos nas experiências compartilhadas, para a compreensão da proposta deste estudo e retratamos, a partir das narrativas das protagonistas desta pesquisa, os percursos, as vivências e as práticas implementadas em seus cotidianos para atenuar os desafios que emergem da relação trabalho-maternidade durante a pandemia.

Deste material, identificamos alguns eixos temáticos fruto das narrativas das interlocutoras, mas pela definição do recorte deste artigo, enfatizamos dois eixos os quais levam no título um trecho das falas produzidas por elas na RdC. São eles: o primeiro eixo temático “Não tínhamos uma organização para trabalhar no ambiente de casa com os nossos filhos em casa”; e o segundo eixo temático “Não somos tratadas de forma diferenciada por sermos mães” – ambos constataram de modo expressivo, como o ensino remoto evidenciou as dificuldades enfrentadas pelas professoras/mães para permanecerem em espaços acadêmicos engendrados por mecanismos discriminatórios de gênero. Destacamos que apesar de estarem separados – por uma questão metodológica - os eixos temáticos dialogam entre si e foram construídos de forma articulada com o que a literatura tem apontado acerca desta temática.

3. “NÃO TÍNHAMOS UMA ORGANIZAÇÃO PARA TRABALHAR NO AMBIENTE DE CASA COM OS NOSSOS FILHOS EM CASA”

No início de 2020, nos deparamos com a maior crise sanitária dos últimos tempos, que nos colocou em um cenário de emergência de saúde pública provocada pela pandemia deflagrada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2), causador da doença COVID-19. Uma

infecção viral e respiratória cuja manifestação se dá através de sintomas como tosse, dor de garganta, febre, dificuldade respiratória entre outras manifestações clínicas, que em casos mais graves demandam cuidados hospitalares em Unidades de Tratamento Intensivo (UTI) (TANIGUCHI, 2020).

Os primeiros indícios da COVID-19 surgiram em 2019 na cidade de Wuhan, localizada na província de Hubei, na China. Devido a velocidade e a alta capacidade de disseminação, o vírus se alastrou rapidamente pelo mundo, causando um colapso sanitário e hospitalar em diversos países. Este cenário, fez com que, no dia 11 março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarasse, através do seu diretor-geral, Tedros Adhanom, que a situação deflagrada pelo novo coronavírus se tratava de uma pandemia (CAVALCANTE et al., 2020; SPINK, 2020).

Com o intuito de atenuar os índices de contaminação e de mortalidade, as autoridades de saúde pública de vários países passaram a orientar a população acerca da importância de serem adotadas medidas restritivas, como o distanciamento social associado a outras práticas como a higienização das mãos e o uso de máscaras (MEDEIROS; VERA; BARBOSA, 2021).

No Brasil, apesar do preocupante negacionismo por parte do governo federal, que negligenciou a gravidade da pandemia (SPINK, 2020), houve uma ampla mobilização de estados e municípios para contê-la através de diversas estratégias dentre elas, os decretos que restringiram o funcionamento de alguns serviços, dentre eles, os estabelecimentos de ensino (MEDEIROS; VERA; BARBOSA, 2021)

Após alguns meses de suspensão das aulas, as discussões sobre a retomada do ensino no formato remoto passou a fazer parte das instituições educacionais, principalmente pelo fato de que ainda não havia segurança suficiente para que estudantes e professoras/res voltassem às aulas presenciais (MEDEIROS; VERA; BARBOSA, 2021) e é nesse contexto que se insere as interlocutoras - pela definição do recorte da nossa pesquisa - mães de filhas/os em idade escolar que são professoras de um dos *campus* do Instituto Federal de Alagoas (IFAL).

Em meio às incertezas, as professoras que participaram da roda de conversa descreveram a sensação de lidar com o que até então era desconhecido.

Todos foram pegos de surpresa! Logicamente a gente não tinha um plano para o ensino remoto. Muita gente ainda nem... enfim, nunca tinha trabalhado com ensino remoto. Então no começo da pandemia foi aquele susto, aquela angústia de não saber o que ia acontecer (RdC, 05/11/202).

O período da pandemia foi o mais difícil que eu já passei (RdC, 05/11/2021).

Na tentativa de sanar as dificuldades referentes ao ensino remoto, o instituto federal passou a ofertar cursos de formação às/aos docentes. Contudo, durante a RdC, algumas professoras relataram as suas dificuldades e em alguns casos a impossibilidade de concluí-los devido ao acúmulo de atribuições como o cuidado do lar, dos filhos - que estavam em casa em tempo integral, pois naquele momento já não podiam contar com o suporte das babás, das creches e escolas - e suas demandas pessoais. E conforme a realidade de uma/um pesquisadora/or docente no Brasil, elas ainda estavam envolvidas em atividades de ensino, pesquisa, extensão e gestão.

Quando tivemos que voltar na forma remota, tudo novo, logicamente tivemos que fazer alguns cursos e já aí nesse início foi um estresse enorme. Foi naquela época que a gente assinou aquela carta, porque a gente ainda não tinha uma organização familiar. Não tínhamos uma organização para trabalhar no ambiente de casa com os nossos filhos em casa” (RdC, 05/11/2021, grifo nosso).

Meu filho tinha um pouco mais de um ano na época (...) e assim, foi muito difícil e estressante porque não tinha uma rotina. Eu não sabia por onde começar. Então muitas vezes quando a gente teve que iniciar o curso, né? E (...) esse curso pra gente aprender as técnicas do ensino remoto. No primeiro curso eu realmente não consegui fazer. Eu me inscrevi mas não consegui fazer, porque naqueles horários que tinha que está conectada eu não conseguia. Eu tive que afastar a babá do meu filho que era a pessoa que estava me dando toda força. Meu esposo é policial e as atividades dele nunca se encerraram, ele não teve uma pausa, ele continuou trabalhando normal (...) Esse período foi muito difícil, porque eu não tinha assistência dela. Essa angústia foi enorme. Essa necessidade de ter alguém pra ajudar e não tinha ali. E as cobranças vindo por e-mail, de cursos e tudo o que a gente tinha que fazer e eu não estava dando conta (RdC, 05/11/2021).

Um dos relatos supracitados faz menção à uma carta que foi construída e assinada pela maioria das professoras que fizeram parte da roda de conversa. Além do desabafo que evidencia a sobrecarga física e emocional, a carta escrita pelas docentes, sugere um olhar diferenciado para a realidade das professoras/mães que, sem desconsiderar as implicações da pandemia na vida dos servidores em geral, pontua com embasamento teórico, que no cotidiano das professoras que exercem a maternidade os impactos foram e são mais profundos.

Dentre as sugestões a serem implementadas em prol do trabalho remoto, as professoras buscavam apoio de outras/os docentes para negociar o remanejamento de turmas, diminuição de ementas trabalhadas e a preferência na escolha dos horários das aulas síncronas, pois de acordo com uma das interlocutoras,

Para quem é mãe, essa questão de horário é muito dura, pois a gente tem que condensar a nossa família dentro desse horário de trabalho (RdC, 05/11/2021).

Contudo, apesar de algumas/ns servidores e servidoras - que não são mães - reconhecerem, no primeiro momento, a relevância das pautas levantadas pelas professoras, suas propostas não foram acolhidas. “Nada mudou” (RdC, 05/11/2021).

A carta, sinceramente foi a maior frustração. Foi um desabafo que a gente fez e nunca foi considerado. Algumas pessoas diziam ser importante, mas assim (...) na hora de pensar o horário, nada mudou. Na hora de convidar ou de precisar se envolver em projetos, coisas além da sala de aula (...) os homens nunca lembravam dessa carta. Acabava que as mulheres tomavam à frente. Então essa carta acabou ficando no imaginário e no desejo da gente (...) não acham nada demais esse lance de ter filhos e trabalhar. Normalizaram isso, porque a gente toca as coisas. Nada deixa de acontecer, tudo acontece (RdC, 05/11/2021).

A partir do diálogo com a literatura é possível observa que o cenário de desigualdade de gênero, de instabilidade política, econômica e social evidenciou e potencializou os desafios

impostos àquelas que precisam trabalhar em jornadas duplas e até mesmo triplas, em função do acréscimo de atividades, novos horários e exigências. Todas estas atribuições têm gerado uma sobrecarga na vida dessas mulheres, sobretudo, no dia a dia daquelas que não têm uma rede de apoio (MELO, 2020; OLIVEIRA, 2020).

Pesquisas recentes sinalizam os diversos impactos decorrentes da pandemia do COVID-19 no cotidiano dessas mulheres, uma vez que, a extensa rotina de trabalho do ensino presencial ganhou novos contornos com a implementação do ensino remoto. Nesse contexto, o lar passou a ter novos sentidos, sendo além do espaço de afazeres domésticos, de cuidado com a família, de acompanhamento das aulas das/os filhas/os, um local de trabalho (FERREIRA, 2020; OLIVEIRA, 2020).

Dados de pesquisas realizadas pelo Parent in Science (2020) - grupo de cientistas que colocam em pauta a discussão sobre maternidade e paternidade no universo da ciência - mostram que a pandemia afetou de modo geral as/os pesquisadoras/res docentes no Brasil, mas é importante sinalizar que há uma discrepância na forma como os grupos foram afetados: enquanto que 14,9% dos homens com filhas/os conseguiram trabalhar normalmente de forma remota, apenas 4,1% das mulheres com filhas/os continuaram suas atividades acadêmicas remotamente. Ou seja, a adaptação do trabalho intelectual para o ambiente doméstico impactou na produtividade, no cumprimento de prazos e repercutiu também na saúde das professoras (OLIVEIRA, 2020). Tais efeitos podem ser observados por meio dos relatos compartilhados durante a Roda de Conversa com as professoras:

Fiquei estressada, perdi peso, fiquei com uma gastrite enorme. Foi muito difícil! (RdC, 05/11/2021).

Só as pessoas mais sensíveis conseguem entender o cansaço mental, né? Porque não é só a parte da atividade acadêmica em si. É pensar em tudo. E é muito comum nas mulheres. Isso reflete no nosso trabalho! Nosso trabalho é intelectual também (RdC, 05/11/2021).

A combinação da maternidade com o trabalho doméstico e as novas exigências do ensino remoto fundidos em um mesmo espaço pode ser compreendida pela concepção da “espaço-temporalidade aberta e plural da maternidade” que revela novos sentidos do lar e considera-o como um espaço relacional e conflitivo (OLIVEIRA, 2020a, p.154). Vejamos os relatos das professoras sobre o desafio de lidar com o trabalho intelectual em condições espaço-temporais adversas impostas nesse período pandêmico.

Os trabalhos (acadêmicos e domésticos) se misturam em casa (...) eu tenho que me virar em mil (RdC, 05/11/2021).

As tarefas ficaram mais numerosas (RdC, 05/11/2021).

Acordo eles, dou café. Levo os meninos pra escola, vou trabalhar. Daqui a pouco dá a hora de pegar na escola, volto pra casa, tem que dar o almoço, fazer o dever de casa e o dia correndo. Às vezes eu vou fazer o planejamento de aula já é de noite (RdC, 05/11/2021).

Estas narrativas reforçam a importância de pensar os diversos sentidos da casa, do lar, do espaço doméstico, considerando, sobretudo o cenário de dinâmicas históricas que envolvem a figura da mulher. Inspirada nas ideias de bell hooks (2019) e envolvida pelos estudos das Geografias Feministas a pesquisadora Anita Loureiro de Oliveira, através do artigo publicado

em 2020 e intitulado “A espacialidade aberta e relacional do lar: a arte de conciliar maternidade, trabalho doméstico e remoto na pandemia de Covid-19”, nos convida a pensar neste espaço a partir de uma perspectiva feminina que exige compreender o lar de uma maneira diferente da visão dominante - do lar como “doce lar” - mas nos impulsiona a pensar neste espaço como um lugar de resistência feminina no contexto de opressão patriarcal (OLIVEIRA, 2020a).

Resistir neste espaço requer reinvenções cotidianas (ARRUDA; NASCIMENTO, 2021). E para se concentrar e ministrar suas aulas, as professoras compartilharam algumas práticas, dentre elas, fechar a porta do quarto/escritório para diminuir e evitar ruídos. Uma professora, no entanto, relatou:

Eu nunca consegui fechar a porta direito, quando eu encostava um pouquinho a porta, meu filho vinha e empurrava a janela. No dia que eu fechei a porta, tranquei mesmo a chave – que eu não sou de trancar porta nenhuma, que eu odeio isso (...) meu filho veio pela janela (...) Desde o início eu falo para os meus alunos: olha, esses aqui são os meus filhos. Meus filhos sempre aparecem nas gravações e gritam: mãe! Agora assim, eu levei isso numa boa, numa esportiva. E eu sempre coloquei isso para os meus alunos e na minha apresentação a primeira coisa que eu lembrei de dizer foi que eu sou mãe e professora. Não consigo me determinar pessoa mais hoje sem ser mãe, né? E aí, isso é um alimento para ser uma melhor professora, mas ao mesmo tempo isso tem as suas determinações, e aí, eu não consigo separar o ser professora do ser mãe. E nisso eu condiciono o meu trabalho (RdC, 05/11/2021).

A relação do trabalho docente com a maternidade resulta numa combinação da mulher-pesquisadora, da mulher-professora e a da mulher-mãe que no descompasso entre a exigência e a possibilidade, passam a lidar com cobranças internas e sociais; com incertezas e com o sentimento de culpa, principalmente quando não conseguem desempenhar - da maneira como a sociedade impõe - as atribuições atravessadas pelas matrizes do patriarcado (MACÊDO, 2020, p.195).

A gente não consegue dar o melhor que a gente poderia dar. Se a gente quiser investir nisso com certeza a casa vai ficar comprometida (RdC, 05/11/2021).

Cobram da gente tanto para ser uma boa mãe, uma excelente professora (...) quanto de nossos filhos. Eles precisam ser super educados, os melhores na escola, porque são filhos de professoras. Tem que comer com excelência, comidas super saudáveis (...) É tanta coisa que tem que ficar boa! Acaba que a nossa individualidade fica lá no fim e é muito doido isso, porque quando a gente pensa em alguma coisa pra gente, pelo menos pra mim, já vem o peso na consciência: Poxa! Eu deveria está fazendo alguma coisa pelos meninos (RdC, 05/11/2021).

Essas narrativas expressam o modo como os efeitos da construção social e da atenuante desigualdade de gênero, refletem na vida das professoras/mães. Para superar esta problemática, historicamente presente em nossa sociedade, se faz necessário pensar não só na igualdade, mas na equidade de gênero, capaz de promover melhores condições de trabalho considerando as singularidades e as experiências vivenciadas pelas mulheres (SANTANA; SANTANA, 2020).

4. “NÃO SOMOS TRATADAS DE FORMA DIFERENCIADA POR SERMOS MÃES”

Como vimos no tópico anterior, o contexto da pandemia da Covid-19 com a imposição do isolamento social, trouxe novas implicações na relação trabalho-maternidade que despertou para a necessidade da reorganização do cotidiano das mulheres protagonistas desta pesquisa. Apoiadas nas premissas de Michel de Certeau (2012), quando se refere à experiência do vivido e exalta os sentidos das práticas cotidianas enquanto lugar formado por um emaranhado de saberes, jogos de poder e de conhecimento, diríamos ainda, que houve para além da reorganização do cotidiano, a criação de novas formas de existir e de se fortalecer em meio as desigualdades e os desafios que o contexto impõe.

Partindo do princípio básico de dinamicidade na construção do cotidiano, Certeau (2012) apresenta duas dimensões que se relacionam entre si: as estratégias e as táticas. Ao discorrer sobre aquilo que ele chama de “estratégias” o autor atribui ao campo do poder hegemônico que incorpora um plano de estratégia de dominação e controle, com o objetivo de traçar rotas definidas, muitas vezes de forma descontextualizada e deslocada da realidade.

Assim, partindo deste pressuposto, associamos à dinâmica da instituição federal de ensino às estratégias de normalização do cotidiano, que ao planejar as atividades acadêmicas no ensino remoto (oferta de cursos, remanejamento de turmas, planejamento das ementas, horários das aulas síncronas, entre outros) não consultou e nem considerou as singularidades das experiências vivenciadas pelas professoras-mães, que desde o início da pandemia vêm apontando as adaptações necessárias para atenuar as dificuldades enfrentadas.

Não somos tratadas de forma diferenciada por sermos mães (RdC, 05/11/2021, grifo nosso).

Possivelmente, para sustentar a máxima de que “a educação não pode parar”, o posicionamento da instituição fez “persistir um modelo de normalidade em meio a um contexto de excepcionalidade” (GUIZZO; MARCELLO; MÜLLER, 2020, p. 6). Nessas circunstâncias, existe um plano de fundo minucioso, no qual encontram-se aquelas/es que desenvolvem as “táticas”, que são práticas de resistência e de enfrentamento a essas ações de dominação e que estão no campo da astúcia e da subversão, produzindo conhecimentos oriundos da experiência do vivido (CERTEAU, 2012). Com base nessa discussão, foi possível observar durante a RdC que, em meio ao caos instalado, uma série de táticas foram criadas e adotadas pelas professoras em seus cotidianos para enfrentar as dificuldades e proporcionar, na medida do possível, qualidade de vida.

A tática de uma das participantes é a de priorizar e cumprir suas demandas acadêmicas, gradativamente e no seu tempo.

Ser mãe e professora é negociar consigo mesma. Isso dá pra fazer, isso não dá pra fazer. Isso eu posso fazer, isso eu não posso. Aquilo eu devo fazer, mas vou fazer no meu tempo. As amigas dizem: faça no seu tempo e eu estou começando a me agradar disso. Felizmente aquilo que eu tenho priorizado eu tenho conseguido fazer (RdC, 05/11/2021).

Outras participantes pontuaram a importância da atividade física, da prática de yoga, da leitura com as/os filhas/os e até mesmo da tentativa de descanso de pelo menos 15 minutos sozinha.

Atividade física, academia, caminhada. Isso foi o que me ajudou a liberar as energias e manter a cabeça boa nesses momentos. Me ajudou bastante! (RdC, 05/11/2021).

A academia é a minha pílula da felicidade (...) outra coisa que eu esqueci de falar, mas que também foi a minha pílula da felicidade durante toda a pandemia e agora, que eu tentei fazer pra ele (seu filho) mas eu sei que é pra mim também, foi a leitura à noite (...) (RdC, 05/11/2021).

Eu estou tentando fazer uma coisa aqui em casa que é ter pelo menos 15 minutos sem ninguém perto de mim e aí eu vou pra uma rede que fica no meu quarto (RdC, 05/11/2021).

Na pandemia comecei a fazer yoga online e super funcionava. Meu Deus, meu dia mudava completamente! (RdC, 05/11/2021).

Ao serem questionadas sobre quais ações poderiam ser implementadas, em termos institucionais para facilitar a atuação docente, uma das professoras prontamente respondeu:

Institucionais? Quem sabe começar lendo a nossa carta e levar a sério o que a gente fala?

Este questionamento nos remete às discussões mobilizadas pela filósofa e escritora Djamilia Ribeiro em seu livro “O que é lugar de fala?” Nele, a escritora problematiza a necessidade do rompimento da ideia de um discurso único, autorizado e universal, nos convidando a compreender as experiências de modo situado e contextualizado, narrado por uma multiplicidade de vozes. Já que as nossas experiências são múltiplas e distintas; e, a depender do grupo que pertencemos, as oportunidades se restringem ou se ampliam, assim como, as vozes podem ser silenciadas ou não (RIBEIRO, 2017).

Considerando o cenário em estudo e os aspectos estruturais da sociedade – desigual, machista, sexista - podemos observar que há uma invisibilidade dessas narrativas e, portanto, uma tentativa de deslegitimação da luta das mulheres-mães-professoras em prol da adaptação do trabalho remoto. Esta opressão coloca-as em um lugar de maior vulnerabilidade, mas isso não quer dizer que este coletivo não possa continuar traçando táticas para enfrentar o silenciamento institucional. Neste aspecto, os movimentos, as organizações políticas, culturais e intelectuais, são algumas formas de desestabilizar a norma hegemônica e qualquer tipo de opressão, sobretudo, de gênero (RIBEIRO, 2017). Dentre as ações consideradas fundamentais para mudar esta situação, uma das professoras propôs além da formação, a criação de espaços de diálogos.

Eu acho que mais formação na área pra todo mundo, né? Momentos de diálogo sobre esse assunto; mais momentos de compartilhar; mais momentos de troca com os homens e com as não-mães também, que também é um grupo bem resistente, eu acho que até mais que os homens. As mulheres que não são mães (...) algumas assim, não de forma geral, tem muita dificuldade de ter empatia com a gente, tirando as militantes maravilhosas (...) e mais momentos como esse (RdC, 05/11/2021).

Precisamos levantar essas pautas para derrubar o machismo e o patriarcado da nossa sociedade (RdC, 05/11/2021).

Nas narrativas elas expressaram de forma significativa a ausência da colaboração e da empatia das/os outras/os colegas, que muitas vezes se negavam a fazer trocas de horários que facilitariam suas rotinas. Quanto a esta situação, uma das participantes relatou:

A falta de empatia é nítida, é clara (...) É algo que sai da redoma da gestão e passa também pela empatia das pessoas (RdC, 05/11/2021).

Sinalizaram ainda a importância de institucionalizar questões relativas aos horários de aula, de reuniões e carga horária, colocando-as em normativas. Pontuaram também o desejo de ter uma rede de apoio na instituição, como a criação de creches e espaços educativos para acolher suas/eus filhas/os enquanto elas trabalham.

Já imaginou se na nossa escola, no nosso local de trabalho tivesse uma mine creche, algum lugar que tivesse uma cuidadora que pudesse fazer brincadeiras (...) enfim, que pudesse ter esse espaço, sei lá, um salão de atividades para as crianças durante o período do trabalho da gente. Seria o ideal (RdC, 05/11/2021).

As previsões contidas nos §§ 1º e 2º do artigo 389 da CLT (Consolidação das Leis do Trabalho) asseguram a proteção à maternidade, com previsão de assistência destinada as/aos filhas/os das trabalhadoras, supridas por meio do acesso a espaços como creches. Contudo, essa ainda é uma realidade distante para muitas mulheres, sobretudo, no período pandêmico. Essas discussões reiteram aquilo que a literatura científica tem abordado quanto à importância da criação de políticas institucionais que considerem as particularidades e as singularidades das professoras-mães. Tais medidas precisam, portanto, compreender as condições maternas para fazer da instituição, um ambiente equitativo capaz de atenuar os problemas advindos da pandemia e outros que poderão surgir em função deste período (SILVA et al., 2020).

5. A CONVERSA (NÃO) TERMINA

Conforme mencionamos no início deste diálogo, o presente estudo além de ter sido mobilizado pela necessidade de discutir sobre os impactos da pandemia na vida cotidiana de mulheres-mães-professoras, tem ainda como alicerce, as minhas inquietações enquanto mulher, pesquisadora, que ao mesmo tempo em que pretende construir uma família, ser mãe e seguir uma carreira acadêmica, problematiza os desdobramentos desse lugar, permeado por mecanismos discriminatórios que incidem sobre as nossas escolhas.

Imbuídas por essas inquietações traçamos o objetivo desta pesquisa, no sentido de compreender por meio das narrativas das professoras que são mães de filhas/os em idade escolar e que trabalham em um dos *campus* do Instituto Federal de Alagoas (IFAL), os desafios que emergem da relação trabalho-maternidade em tempos de pandemia. Para alcançar estes objetivos, realizamos um diálogo com a literatura e por meio da Roda de Conversa virtual nos conectamos com as narrativas das professoras, buscando identificar como elas adaptaram as suas atividades intelectuais para o ambiente doméstico. Na mesma ocasião buscamos através de uma construção coletiva, traçar ações em prol da implementação e do fortalecimento de políticas institucionais voltadas à atuação das docentes nesse período pandêmico.

Por meio da multiplicidade de vozes das mulheres-mães-professoras que gentilmente aceitaram o nosso convite para colaborar na construção desta pesquisa, pudemos compreender melhor sobre um problema que sempre existiu, mas que a pandemia explicitou de uma forma muito mais significativa. Alguns dos problemas relatados eram de alguma maneira atenuados

quando, antes da pandemia, se tinha uma rede de apoio advinda da própria família, das babás, das creches e das escolas. Mas, com a imposição do distanciamento social que resultou no fechamento de instituições públicas e privadas - uma das medidas restritivas, para diminuir e evitar os índices de contaminação e de mortalidade provocados pelo novo coronavírus – essas mulheres tiveram que enfrentar quase que solitariamente os desafios impostos pelo cenário atual.

Embora a trajetória de cada participante da pesquisa seja uma construção singular, ouvi-las nos aproximou de uma realidade complexa, que de modo geral, acomete muitas mulheres-mães-professoras na nossa sociedade. Imersas numa intensa rotina de trabalho, com o acúmulo de atribuições acadêmicas somadas ao cuidado destinado à família e ao lar, estas mulheres ficam cada vez mais expostas ao adoecimento. Algumas participantes, inclusive, relataram como esta dupla ou tripla jornada de trabalho tem repercutido em sua saúde.

Estas histórias assumem também uma outra dimensão coletiva que muitas vezes despertam nelas questionamentos, incertezas e inseguranças, resultantes tanto do momento atípico, pois ninguém estava preparado para lidar com tantas mudanças da maneira como ocorreu, quanto das implicações que representa a vinculação do ser “mulher, mãe e professora” em uma sociedade que traz como herança a força de um legado patriarcal.

O ensino remoto, até então pouco explorado, despertou para a necessidade de cursos e formações que adentraram na casa e na vida cotidiana das professoras. Mas, ainda que a oferta desta formação tenha sido implementada com a finalidade de dar subsídios para a prática docente, a forma como foi instituída – sem o acolhimento da realidade vivenciada pelas professoras-mães - acabou sendo uma barreira que dificultou o acesso de forma igualitária. Este aspecto, além do modo como são definidos os horários das aulas e o remanejamento de turmas se configuram, portanto, como marcadores de desigualdade, que refletem na atuação docente, despertando em algumas professoras o sentimento de culpa, que por sua vez, se estende para a relação mãe-filha/o. Já que o trabalho e suas rotinas pessoais se fundiram em um mesmo espaço e modificaram a convivência familiar.

Considerando as experiências vivenciadas e compartilhadas por essas mulheres, queremos reforçar por meio desta pesquisa a necessidade de debates sobre a maternidade, a docência e as questões de gênero no meio científico. Que estas discussões sirvam para evidenciar os marcadores de desigualdade e fortalecer a luta contra a desvalorização e desprestígio da mulher na ciência. Esperamos ainda, que esse trabalho possa propiciar novas possibilidades de investigações que inspirem a construção de medidas que fortaleçam cada vez mais as políticas institucionais voltadas à atuação das docentes.

Por fim, enfatizamos que a intenção nesta pesquisa não é revelar verdades, nem tão pouco esgotar o tema, mas de contribuir com esta discussão de maneira implicada e articulada com a diversidade de diálogos e de encontro, muitos deles, viabilizados neste estudo, por meio da Roda de Conversa. E mesmo diante de tantas incertezas e de imprevisibilidades, uma coisa é certa: a de que ***a conversa (não) termina por aqui***. Existe um longo caminho a ser trilhado para tornar essa experiência mais leve, democrática e equitativa. Sigamos!

REFERÊNCIAS

ADUSP. Pandemia agrava a desigualdade de gênero existente na USP, apontam professoras em carta aberta à comunidade. **Associação dos Docentes da Universidade de São Paulo**. São Paulo, 16 jul. 2020. Disponível em: <<https://www.adusp.org.br/index.php/defesauniv/3748-desigualdade-genero-pandemia>>. Acesso em: 20 out. 2020.

ARRUDA, R. L; NASCIMENTO, R. N. A. Narrativas de resiliências: implicações da pandemia na prática docente de mulheres. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 06, n. 18, p. 720-739, maio/ago. 2021. Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/9179/8582>>. Acesso em: 25 out. 2021.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

FERREIRA, K. Ensino remoto acentua sobrecarga de professoras com filhos de idade escolar. **APUFSC**. Santa Catarina, 08 out. 2020. Disponível em: <<https://www.apufsc.org.br/2020/10/08/ensino-remoto-acentua-sobrecarga-de-professoras-com-filhos-em-idade-escolar/>>. Acesso em: 20 out. 2020.

GUIZZO, B. S.; MARCELLO, F. A.; MÜLLER, F. A reinvenção do cotidiano em tempos de pandemia. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 46, e238077, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ep/a/ybM6TZ8MvPmdLN8HzqgFZKS/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 5 nov. 2021.

MACÊDO, S. Ser mulher trabalhadora e mãe no contexto da pandemia covid-19: tecendo sentidos. **Rev. NUFEN**, Belém, v.12, n. 2, p.187- 204, mai./ago. 2020. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rnufen/v12n2/a12.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2021.

MEDEIROS, F. F.; VERAS, R. N.; BARBOSA, V. S. A. Ouvindo lives enquanto passo a roupa”: relato de experiência de professoras universitárias durante a pandemia de COVID-19. **SCIAS Edu., Com., Tec.**, Belo Horizonte, v.2, n.2, p. 90-104, jul./dez. 2020 e-ISSN:2674-905X. Disponível em: <<https://revista.uemg.br/index.php/sciasedcomtec/article/view/5012/3262>> . Acesso em: 12 fev. 2021.

MÉLLO, R. P. et al. Construcionismo, práticas discursivas e possibilidades de pesquisa em psicologia social. **Psicologia & Sociedade** [online]. 2007, v. 19, n. 3, pp. 26-32. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000300005>>. Acesso em: 25 out. 2020.

OLIVEIRA, A. L. A espacialidade aberta e relacional do lar: a arte de conciliar maternidade, trabalho doméstico e remoto na pandemia de Covid-19. **Rev. Tamoios**, São Gonçalo (RJ), ano 16, n. 1, Especial COVID-19. pág. 154-166, 2020a. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/view/50448/33479>>. Acesso em: 22 out. 2021.

OLIVEIRA, E. C. S. Mãe-pesquisadora: Os impactos do isolamento social em minha produção acadêmica durante a pandemia de COVID-19. **SCIAS Edu., Com., Tec.**, Belo Horizonte, v.2, n.2, p. 343-354, jul./dez. 2020 e-ISSN:2674-905X. Disponível em: <<https://revista.uemg.br/index.php/sciasedcomtec/article/view/4986/3277>> . Acesso em: 11 fev. 2021.

PARENT IN SCIENCE. Produtividade Acadêmica durante a Pandemia: Efeitos de gênero, raça e parentalidade. Porto Alegre: **PARENT IN SCIENCE**, 2020. Disponível em: https://327b604e-5cf4-492b-910be35e2bc67511.filesusr.com/ugd/0b341b_81cd8390d0f94bfd8fcd17ee6f29bc0e.pdf?index=true . Acesso em: 14 set. 2021.

RIBEIRO, DJAMILA. **O que é: lugar de fala?**. Belo Horizonte(MG): Letramento: Justificando, 2017. 112 p.; 15,9 cm. (Feminismos Plurais).

SANTANA, C. Q.; SANTANA, N. B. Q. “Minha mãe e Eu”: Mulheres, Professoras e trocas educacionais em tempos de distanciamento social. **SCIAS Edu., Com., Tec.**, Belo Horizonte, v.2, n.2, p. 270-286, jul./dez. 2020 e-ISSN:2674-905X. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/sciaseducomtec/article/view/4953/3273>. Acesso em: 07 jan. 2022.

SANTOS, V. M. Uma “perspectiva parcial” sobre ser mulher, cientista e nordestina no Brasil. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 24(3): 398, 2016. Disponível em: < <https://www.scielo.br/pdf/ref/v24n3/1806-9584-ref-24-03-00801.pdf>>. Acesso em: 20 out.2020.

SHOTTER, J. Language, Joint Action, and the Ethical Domain: The importance of the relations between our living bodies and their surroundings. Plenary paper to be given at **III Congreso de Psicología y Responsabilidad Social**. Campus San Alberto Magno, 2011.

SILVA, J. M. S. et al. A feminização do cuidado e a sobrecarga da mulher-mãe na pandemia. **Revista Feminismos**, 8(3). 2021. Disponível em: < <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/42114/23913>>. Acesso em: 29 nov. 2021.

SPINK, M. J. P. “Fique em casa”: a gestão de riscos em contextos de incerteza. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 32, e 020002, 2020. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822020000100401&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 ago. 2021.

SPINK, M. J.; MEDRADO, B. P. Produção de Sentido no Cotidiano: uma abordagem teórico metodológica para análise das práticas discursivas. In: SPINK, M. J. (Org.) **Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano: Aproximações Teóricas e Metodológicas**. Edição Virtual - Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013.

TANAJURA, L. L. C.; BEZERRA, A. A. C. Pesquisa-ação sob a ótica de René Barbier e Michel Thiollent: aproximações e especificidades metodológicas. **Revista Eletrônica Pesquiseduca**, Santos, v. 07, n. 13, p.10-23, jan.-jun., 2015. Disponível em: < <http://periodicos.unisantos.br/index.php/pesquiseduca/article/view/408>>. Acesso em: 25 out.2020.

TANIGUCHI, N. COVID-19: Ponto a ponto sobre o novo coronavirus. **FIOCRUZ**, Brasília, 2020. Disponível em < <https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/covid-19-ponto-a-ponto-do-novo-coronavirus/>>. Acesso em: 25 out. 2020.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)/
FORMULÁRIO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Você foi convidada a participar de uma pesquisa que será desenvolvida para o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **SER MULHER, MÃE E PROFESSORA EM TEMPOS DE PANDEMIA: TECENDO SENTIDOS A PARTIR DAS NARRATIVAS** da aluna Erienne Gomes dos Santos. O TCC será apresentado ao curso de Pós-Graduação em Docência na Educação Profissional do Instituto Federal de Alagoas (IFAL), como requisito parcial para a obtenção do grau de especialista em Docência na Educação Profissional e será orientado pela Prof.^a Ma. Taysa Kawanny Ferreira Santos.

A seguir, as informações da pesquisa com relação a sua participação:

- Buscamos compreender por meio das narrativas das professoras que são mães de filhas(os) em idade escolar e que trabalham no Instituto Federal de Alagoas (IFAL), *campus xxxxxx*, os desafios que emergem da relação trabalho-maternidade em tempos de pandemia.
- Os resultados que desejamos alcançar são os seguintes: conceituar como a literatura científica tem abordado esse tema; identificar como as professoras que são mães de filhas(os) em idade escolar adaptaram suas atividades intelectuais para o ambiente doméstico. Ademais, procuramos contribuir na implementação e no fortalecimento de políticas institucionais voltadas à atuação das docentes nesse período pandêmico.
- A produção de dados ocorrerá no dia 05 de novembro às 15h30 via Google Meet, por meio de uma roda de conversa virtual que será gravada mediante autorização de todas as participantes.
- A sua participação será voluntária e em qualquer momento poderá ser suspensa se for a sua vontade. Isso implica dizer que, você poderá recusar a continuar participando do estudo e, também, poderá retirar seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo.
- As informações concedidas serão abordadas de forma anônima e confidencial, além disso, a sua identidade será preservada em todos os estágios do estudo. Salientamos que apenas as pesquisadoras (aluna e professora) terão acesso às informações obtidas, mantendo o sigilo dos dados coletados.
- As pesquisadoras estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário, em qualquer etapa da pesquisa. Caso necessite de maiores informações sobre

o presente estudo, favor entrar em contato com a aluna Eriane Gomes dos Santos, através do e-mail erianegomespsic@gmail.com.

Desde já, agradecemos a sua colaboração.

Atenciosamente,

Eriane Gomes dos Santos

Prof.^a Ma. Taysa Kawanny Ferreira Santos

Mediante o que foi disposto no que concerne a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos e responsabilidades; **CONCORDO COM OS TERMOS ACIMA DESCRITOS.**⁴

SIM

NÃO

⁴ O TCLE foi aplicado de maneira virtual via Google Forms.